

Fernando Molica

Verdades na fantasia da ficção

Os discursos dos escritores Ana Maria Machado e Milton Hatoum na posse deste na Academia Brasileira de Letras trataram de um tema fundamental, a sedução que histórias ficcionais exercem sobre nós.

Trata-se de um processo curioso, capaz de fazer com que nos emocionemos com livros, filmes, lendas, novelas, peças de teatro, músicas: adoramos histórias que sabemos inventadas, protagonizadas, quase sempre, por pessoas que não existiram de carne e osso.

O fato de elas não terem sido gente como a gente não nos impede de chorar, de amar, de odiar, de torcer por A ou B como se estivéssemos em um jogo de futebol (outra ficção, disputa que tem um valor excepcional pela relação simbólica e apaixonada que temos com um time).

Ao receber o novo integrante da ABL, Ana Maria Machado citou a tabelinha que existe entre escritor e leitor. Destacou que a escrita de Hatoum “aposta na cumplicidade inteligente entre quem cria com palavras e quem recebe essa criação com generosidade, assim se capacitando a recriar e imaginar um mundo e seus submundos”. Um relato, afinal, só existe se há quem nele acredite — mesmo nos casos em que fica evidente a presença da ficção.

Depois, ressaltou como a profissão original do romancista — formado em arquitetura — é decisiva em seus livros. Afirmou que sua obra “tem estrutura sólida e bem arquitetada, que o mantém de pé, sobre fundações firmes”, uma linguagem “capaz de acionar memória e imaginação sobre o tecido da observação do real”. Ficção seria o resultado de uma conversa entre autor e leitores/espectadores/ouvintes, uma prosa permeada pelas experiências de cada um.

Hatoum, por sua vez, enfatizou que o leitor “acredita nas estórias inventadas, que não são casos acontecidos, mas que poderiam ter acontecido”. “Então — continuou — é melhor acreditar nas estórias inventadas: são mais verdadeiras e menos constrangedoras”.

Citou ainda um aparente paradoxo em um conto de Guimarães Rosa. Nele, o narrador afirma: “E assim se passaram pelo menos seis ou seis anos e meio, direitinho desse jeito, sem tirar nem pôr, sem mentira nenhuma, porque esta aqui é uma estória inventada, e não é um caso acontecido, não senhor”. Ou seja, a boa ficção não mente.

Para Hatoum, escritores, poetas e leitores são “imigrantes do imaginário”; capazes de superar qualquer tipo de fronteira, alimentam-se também “da imaginação, dos sonhos e das línguas alheias”. Uma constatação que embute o que talvez a literatura e as artes de um modo geral tenham de melhor: a capacidade de promover a possibilidade de entendimento do outro, daquele que nos era estranho, mesmo vivendo no mesmo país, na mesma cidade, no limite, na mesma casa.

Uma característica de abertura ao desconhecido que faz da literatura uma adversária de certezas, de verdades absolutas, do que Ana Maria Machado classificou de “fórmulas simplificadoras ou oportunismo seletivo”.

Milton Hatoum matou no peito e frisou: o que se espera de um texto literário “é justamente o inesperado, o mistério, a complexidade dos conflitos e a dimensão simbólica de seus enigmas, que nunca se revelam por inteiro”. Como a vida, do jeito que ela é, completaria Nelson Rodrigues.

Tales Faria

Alcolumbre: “Lula envia, eu pauto”

“O presidente decide quando e quem ele indicará, mas é o Senado que decide se e quando será aprovado. Ele envia, eu pauto e o Senado vota.”

Foi essa a reação do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), ao saber que o líder do governo no Congresso, Randolfé Rodrigues (PT-AP), declarou que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) irá indicar um novo nome para ministro do Supremo Tribunal Federal (STF).

Ou seja, se o próximo indicado para ministro do STF não for antecipadamente negociado com o Congresso, repete-se o enredo do advogado-geral da União, Jorge Messias: Alcolumbre demora a pautar a sabatina na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) e, depois, como ocorreu nesta quarta-feira, 29, o plenário, derruba o nome.

O recado dado por Davi Alcolumbre parece óbvio, mas não foi seguido pelos articuladores políticos do governo: há atribuições do Executivo e do Legislativo na nomeação de ministros do STF e a responsabilidade tem que ser compartilhada.

Davi Alcolumbre havia indicado para Lula o senador mineiro Rodrigo Pacheco (ex-PSD, hoje PSB). Mas foi ignorado. O presidente precisava de Pacheco como candidato a governador para montar um palanque em Minas Gerais em defesa de sua reeleição. Resolveu não acolher a indicação de Alcolumbre e enviou ao Congresso o nome de Messias, que havia sido assessor do líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-AL).

Só esqueceram de combinar com Alcolumbre, que se sentiu atropelado e reagiu declarando guerra: “Vocês me traíram”, disse a Wagner quando se encontram no plenário. Ficaram quase sem se falar. Só voltaram a trocar palavras recentemente. Mas nem Wagner, nem o presidente da República deram ao episódio a dimensão que deviam dar.

Foi mantida a indicação de Messias sem uma conversa às claras entre Lula e Alcolumbre, o que deixou o presidente do Senado convencido de que precisava impor uma derrota ao governo para que indicações futuras sejam negociadas antes de serem apresentadas publicamente.

Não agradaram a Alcolumbre e ao centrão as indicações anteriores de Lula. Cristiano Zanin, não foi considerado uma boa escolha porque era advogado pessoal do presidente. E Flávio Dino, porque, embora reconhecido como excelente jurista, se trata de um político marcadamente de esquerda que tem impedido as manobras do centrão na distribuição de emendas parlamentares.

Já havia uma insatisfação com os demais integrantes do Supremo. Tão grande que parte do centrão se aliou aos bolsonaristas na defesa de limitações aos ministros, como corte de benefícios e apoio a pedidos de impeachment.

Nada disso foi levado em conta. Alcolumbre, por seu lado, fingiu-se de vencido para pegar o governo de surpresa. E pegou. Agora que o cristal quebrou, o jeito talvez seja mandar um novo nome ao Congresso e juntar os caquinhos.

EDITORIAL

Grandes eventos fazem o turismo crescer

O Brasil é, por natureza, um país vocacionado para o turismo. Sua diversidade cultural, riqueza ambiental e dimensão continental oferecem possibilidades praticamente inesgotáveis de experiências para visitantes nacionais e estrangeiros. Ainda assim, o país segue aquém do seu potencial turístico, seja por falta de planejamento integrado, seja por investimentos insuficientes em promoção e, sobretudo, na articulação estratégica de grandes eventos como motor econômico.

Eventos de grande porte têm se mostrado uma oportunidade concreta de evidenciar esse potencial. O recente show da cantora Shakira no Rio de Janeiro é um exemplo emblemático. Mais do que um espetáculo musical, tratou-se de um verdadeiro catalisador econômico, capaz de mobilizar toda a cadeia produtiva do turismo. Hotéis registraram alta ocupação, bares e restaurantes ampliaram faturamento, e o setor aéreo observou aumento expressivo na demanda por voos. Esse tipo de impacto demonstra, de forma prática, como o entretenimento pode funcionar como vetor estratégico contínuo — e não apenas pontual — para o desenvolvimento econômico.

O problema é que o Brasil ainda subaproveita esse tipo de iniciativa. Grandes eventos, sejam shows internacionais, festivais culturais ou competições esportivas, continuam sendo tratados como exceções, quando deveriam fazer parte de um calendário estruturado e previsível ao longo do ano. A

ausência de uma política coordenada faz com que oportunidades valiosas escapem, enquanto outros países consolidam suas marcas globais justamente apoiados em agendas robustas de eventos que atraem visitantes de diferentes perfis.

Essa lacuna se reflete na dificuldade de transformar picos de movimentação em fluxo turístico constante. Em vez de depender de ocasiões isoladas, o país poderia integrar estados e municípios em estratégias conjuntas, promovendo circuitos e temporadas temáticas que ampliem o tempo de permanência dos turistas e distribuam melhor os benefícios econômicos. O potencial existe, mas carece de visão e continuidade.

Além disso, é fundamental valorizar e capacitar os profissionais do setor, garantindo atendimento de qualidade e experiências memoráveis. O turismo moderno não se sustenta apenas em paisagens bonitas, mas na soma de fatores que incluem hospitalidade, organização e inovação.

O exemplo recente no Rio de Janeiro reforça uma lição importante: quando há coordenação e estímulo, o turismo responde rapidamente e gera resultados concretos. Cabe ao Brasil transformar grandes eventos em política permanente, aproveitando seu apelo cultural e sua capacidade de mobilização para gerar empregos, renda e desenvolvimento regional de forma sustentável. Ignorar esse caminho é abrir mão de uma vantagem competitiva que poucos países possuem em escala tão ampla.

Opinião do leitor

Havelange

Não exagero ao afirmar que João Havelange foi um homem notável. Próximo dia 8, completaria 110 anos de idade. Uniu povos e nações pelo futebol. Como presidente da antiga CBD, o Brasil conquistou o tri no futebol. Havelange teve participação fundamental na escolha do Brasil para sediar a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.